

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Departamento de Antropologia

FLÁVIA CUNHA DA SILVA

**O CORPO É MEU, E FAÇO COM ELE O QUE EU
QUISER: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE
AUTONOMIA SOBRE O CORPO, FEMINILIDADES E
NOÇÃO DE EMBELEZAMENTO NO USO DA
"TATUAGEM FEMININA"**

Niterói
2015

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Departamento de Antropologia

FLÁVIA CUNHA DA SILVA

**O CORPO É MEU, E FAÇO COM ELE O QUE EU
QUISER: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE
AUTONOMIA SOBRE O CORPO,
FEMINILIDADES E NOÇÃO DE
EMBELEZAMENTO NO USO DA "TATUAGEM
FEMININA"**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: **Prof.^a Dr.^a Lígia Dabul**

Niterói
2015

AGRADECIMENTOS

Acredito que palavras de agradecimento nem sempre podem comportar o todo que existe por trás delas. Gostaria de dedicar essa monografia a todas e todos que me deram e dão suporte e força para enveredar pelos mais diferentes percursos.

Aos meus pais, Fátima e Eduardo pelo apoio e pela paciência. Ao meu irmão Guilherme, que tanto ouve e se mostra disponível, ainda que fisicamente distante no momento. À Ivete, pelo cuidado desde sempre. Obrigada.

À professora Ligia Dabul também pela paciência e pela atenção.

Aos amigos do estúdio, Alan, Fernanda, Roberta, Renata, Luiz e Márcio por serem tão receptivos à minha insistente presença.

Às amigas e amigos que são imprescindíveis, Dafne, Clara, Gabi, Amanda, Paula, Lívia, Julinha, Isadora, Mariana, Camila, Tanit, Karina, Paulinha, Andressa, Rayna, Ju, Fabi, Barbara, Larissa, João, e Edu, pelo cuidado, amor e respeito mútuo. E pela doidera-sempre sem limites. Que continuemos com paz, liberdade, igualdade e festa de c.s.

À quem está ao meu lado desde a Aldeia, Isa e Nathan, pelos anos de amizade, caôs e aprendizado.

À Nathalie, pelo tempo, carinho e dicas certeiras.

Ao Jean, pelo companheirismo e amor em tudo o que vivenciamos e construimos juntos; pelo caminhar.

*"Falar e encontrar as palavras para falar
representa, para os oprimidos, uma das
modalidades de resistência e de luta
contra a dominação"*
Erika Apfelbaum

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos de pessoas do gênero feminino que adotam "tatuagem femininas". As reflexões perpassam as noções de autonomia sobre o corpo, feminilidade e pelo entendimento da tatuagem enquanto uma prática de embelezamento do corpo. O uso da categoria "tatuagem feminina" foi observado no trabalho de campo, que ocorreu nos anos de 2011, 2013 e 2014 na cidade de Niterói, Rio de Janeiro.

Palavras chave: Gênero; tatuagem; corpo; feminilidade; embelezamento.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. Pressupostos teóricos e revisão da literatura.....	11
1.1 O Corpo.....	11
1.2 Gênero.....	13
1.3 Desigualdade de gênero e dominação masculina.....	16
2. Materiais e métodos.....	18
2.1. Estúdio “Tattoodubem”: inserção no campo e reflexividade.....	18
2.2. Mulheres com tatuagem.....	23
3. Autonomia sobre o corpo, tatuagem como prática de embelezamento e feminilidades.....	28
3.1 Autonomia e as relações entre gênero e o uso da “tatuagem feminina”.....	32
3.2 “Tatuagem de mulher” e marcações de gênero.....	34
3.3 Feminilidades.....	38
3.4 Práticas de embelezamento.....	39
3.5. Praticas de embelezamento e a tatuagem feminina.....	41
4. Conclusão.....	44
5. Referencias Bibliográficas.....	46

Introdução

Este texto consiste em um trabalho de conclusão de curso e busca trazer reflexões acerca de questões que despertaram meu interesse ao longo da graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF). Busquei analisar as representações de autonomia sobre o corpo e feminilidade em discursos de pessoas do gênero feminino¹ que foram entrevistadas durante a pesquisa. Com base em análise de entrevistas e na observação participante² realizadas em um estúdio de tatuagem localizado no bairro de Icaraí, na cidade de Niterói, durante os anos de 2011, 2013 e 2014, abordo questões relativas as falas de vinte e cinco entrevistadas em torno de uma identidade feminina específica, cuja construção envolve temas como autonomia e noção de embelezamento do corpo através da adoção de tatuagens.

No presente trabalho, discuto um tipo de tatuagem que é definido como “tatuagem de mulher” ou “feminina”. Existe uma grande quantidade de estilos e formas de tatuagens que se distinguem entre si pelos tipos de desenho (que podem ser imagens ou escritos), cores, referências e técnicas empregadas. Alguns dos estilos mais conhecidos são o *old school* (com contornos grossos e uma gama de cores básicas: preto, azul, verde, amarelo e vermelho), o *realismo* (retratos de pessoas, paisagens, obras de arte, animais, etc.), o *tribal* (linhas grossas, bem definidas e pretas), as tatuagens em *aquarela* (que emulam pinturas feitas com tinta aquarelada), o *pontilhismo* (imagens construídas com pontos) e as *geométricas* (feitas a partir de imagens geométricas complexas ou simples). A “tatuagem feminina” não é um estilo propriamente dito, mas faz parte de um referencial compartilhado por pessoas que possuem, pensam e/ou

¹ Meu entendimento de gênero, ver: “II. Pressupostos teóricos e revisão da literatura”

² Dialogo também com a noção de “trabalho de campo contínuo” de Karina Biondi (2010). Abordarei essa questão no capítulo III.

trabalham com tatuagens e consiste na principal diferenciação entre as “categorias” de tatuagem, como pude observar em campo³: a tatuagem e a tatuagem feita em mulheres. Devo apontar que o tipo “tatuagem” é entendido como neutro, mas indica as tatuagens feitas em homens. Autoras como Hirata (1995), Chabaud-Rytchter (2014), Young (1994), outras feministas e alguns ocasionais autores como Bourdieu (2011) apontam para essa identificação do masculino como neutro enquanto dado significativo que serve para ilustrar uma das diversas formas da dominação masculina: ela marca as relações de desigualdade de gênero uma vez em que pensa o masculino como universal sem ao menos perceber isso.

Meu objetivo é: 1) examinar a relação ambígua entre as possibilidades de autodeterminação da identidade e as noções de autonomia envolvidas na construção de uma imagem de si feminina entre essas pessoas que se tatuam e que tem como referencial um padrão identificado como “feminilidade”; 2) explicar o que se entende por feminilidade, assim como situá-la em um contexto social em que as relações de gênero e a dominação masculina se fazem presente. Pode-se observar, preliminarmente, que: a) existem múltiplas formas possíveis de se exercer feminilidade, o que abordo é a interseção entre esses modelos tendo como recorte a situação estudada; e b) a feminilidade (ou conjunto de feminilidades) que abordo é (são) uma heteronorma⁴ relacionada a valores que regem a estética, a moralidade, os discursos, as ações e os costumes. Tal norma possui determinações de gênero, de raça e de classe bem explícitas e gostaria de demonstrar essas marcações ao longo do

³ Falarei sobre outras categorias ao longo do texto. Gostaria de deixar pontuado que parte das questões elaboradas ao longo do trabalho partem do entendimento que a tatuagem, assim como outras modificações corporais, são marcas que possuem um aspecto identitário, portanto, ligado à hierarquias.

⁴ Parto das noções de heteronormatividade e de heterossexualidade compulsória. A primeira seria a imposição de bipartição das funções e atitudes sociais baseadas nos gêneros. A segunda, que faria parte da heteronormatividade, seria a espera de “adequação” ou “correspondência” entre sexo biológico, gênero e sexualidade. A heteronormatividade se imporia no âmbito dos padrões de comportamento, tanto enquanto regulação estética quanto moral. Contudo, é importante atentar para o fato de que quando falamos em padrões de comportamento, linguagem, estética, etc..

texto, ainda que tenha escolhido as de gênero como foco do trabalho. Interessa-me desvendar os códigos que regem a construção e a reprodução dessa norma. Busco refletir sobre as relações entre estrutura e práticas, sobre as constantes (re)construções e (re)afirmações dessas identidades e as implicações em relação ao uso da “tatuagem feminina”.⁵

É ainda importante ressaltar que o uso da tatuagem não é a única modificação corporal adotada por essas pessoas. A maioria delas se submete também a dietas, cirurgias plásticas estéticas, adoção de piercings⁶, pintura de cabelos, entre outras. Essas modificações são feitas com o intuito de aproximação de um corpo ideal⁷ concebido a um só tempo como dócil e sensual, além de fazerem parte de um universo de técnicas entendidas como práticas de embelezamento. O que me leva ao terceiro tópico que gostaria de abordar: 3) os imbricamentos entre feminilidade e embelezamento do corpo.

Acredito que fazer o esforço de tentar tomar o uso da “tatuagem feminina” como expressão de um comportamento construído a partir de experiências que se localizam em um contexto de desigualdade de gênero seja importante pois esse tipo de abordagem não é explorado o suficiente. As modificações

⁵ Eliane Freitas, ao analisar a obra “Senhores de Si” de Miguel Vale de Almeida e seu modelo de masculinidade hegemônica nos diz que: “Enquanto modelo ideal, a masculinidade hegemônica exerceria controle sobre o processo de constituição das identidades masculinas, sendo ela própria, como todo modelo, realizável apenas parcialmente” (1997, p.22). Espero que seja possível fazer um paralelo com o meu trabalho, uma vez em que descrevo, em última instância, uma abstração. Sobre a relação entre o modelo de masculinidade hegemônica e o conceito de *habitus*, de Bourdieu, e como essa relação poderia solucionar alguns dos problemas que surgem ao se utilizar modelos, Freitas afirma que existiriam duas implicações: “a compreensão do caráter dinâmico e reciprocamente instituidor da relação entre estrutura e prática e a multiplicidade dos modos possíveis de estruturação das relações entre gênero, segundo os valores e interesses em jogo” (Ibid).

⁶ Modificação corporal feita por material perfurante (e.g: agulha, dentes de animais) e adorno do furo resultante.

⁷ Utilizo a noção de “corpo como capital” de Mirian Goldenberg (2010). A autora desenvolve o conceito de corpo como capital, baseando-se no estudo de Pierre Bourdieu que entende capital como poder a se ganhar e disputar dentro de um campo determinado. “A cada campo corresponde uma espécie de capital particular, ou mais de uma, que funciona como poder e como algo em jogo, neste campo. Portanto, diferentes campos colocam em jogo diferentes capitais, podendo um capital ser extremamente valioso em um campo e não ter o menor valor em outro. No Brasil contemporâneo, acredito que o corpo funciona como um importante capital nos mais diversos campos, mesmo naqueles em que, aparentemente, ele não seria um poder ou um mecanismo de distinção” (p.9). O corpo em questão é um corpo desejado e desejável, considerado uma riqueza, e suas características são: “jovem, magro, em boa forma, sexy; um corpo que distingue como superior aquele que o possui; um corpo conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício” (Ibid.).

corporais e as tatuagens propriamente ditas foram e são usadas como objetos de pesquisa nas ciências humanas partindo das mais diferentes perspectivas e dando enfoque a diversos componentes: a marginalidade e o estigma das tatuagens nas sociedades contemporâneas; reflexões sobre as tatuagens enquanto formas singulares de expressão da subjetividade sob os corpos; a relação entre dor e o uso das tatuagens em contextos rituais; a fabricação do corpo em sociedades indígenas e as marcas na pele; o corpo como superfície de escrita e a tatuagem como linguagem, etc. No que diz respeito às interações entre o uso da tatuagem e noções de feminilidades, no sentido de limitação do possível para cada indivíduo dentro de um repertório ideal, tive a oportunidade de ler apenas dois textos: 1) “Tatuagem, gênero e lógica da diferença”, de César Sabino e Madel T. Luz (2006), que fala sobre a lógica da adoção de tatuagens por fisiculturistas e frequentadores de academias na cidade do Rio de Janeiro, destacando o aspecto identitário da tatuagem, tendo o gênero como uma das marcações; e 2) “Conformity, Resistance and Negotiation in Woman’s Tattooing”, de Michael Atkinson (2002) que descreve uma movimentação de mulheres no Canadá que, ao conceberem seus corpos enquanto “body projects”⁸, buscam desassociar a imagem do uso da tatuagem e a masculinidade.

Início o trabalho situando a pesquisa com uma explanação dos conceitos e pressupostos teóricos que utilizo ao longo do texto. A seguir, no segundo capítulo, descrevo a metodologia, que entendo ser a análise e o apontamento de materiais e métodos utilizados, tendo o trabalho de campo como referência. O terceiro capítulo contém reflexões construídas a partir das entrevistas realizadas e que dialogam com autoras e autores selecionados que apresentam questões relevantes para o tema explicitado acima.

⁸ “Do texto de Atkinson: “Shilling (1993): modificação deliberada do corpo em relação a seu tamanho, forma, aparência, ou habilidade como proposta” (Tradução livre, p.219). A idéia é entender os “body projects” como tentativas de construção constante do corpo , especialmente de sua superfície, de acordo com as identidades dos indivíduos.

1. Pressupostos teóricos e revisão da literatura

Nesse capítulo abordo os conceitos que utilizei para a elaboração do desenvolvimento do trabalho.

1.1 O Corpo⁹

Os estudos de técnicas corporais e marcas sociais no corpo são temas propícios para a Antropologia e são abordados desde os primórdios da disciplina. O corpo, para além da dimensão biológica, é um instrumento (objeto e meio técnico) simbólico construído social e culturalmente. As diferentes formas de parto, de sono, de caminhar, de comer e de higiene, entre outros, devem ser compreendidas como um habitus (MAUSS, 2003) que possui uma natureza social e que configura os múltiplos elementos nas formas de utilizar o corpo. Uma vez que tais atitudes e técnicas são incorporadas como costumes através de adestramento, de imitação norteada pela eficácia da tradição, elas passam a não ser mais percebidas e são encaradas como naturais. As técnicas corporais definidas e colocadas em prática vão de acordo com especificidades culturais de cada grupo, de cada sociedade. As atitudes corporais são construídas, modeladas culturalmente. O corpo aparenta ser livre, mas é coberto por signos distintivos, estrangido por regras sociais que são interiorizadas pelos indivíduos, e por isso, é objeto e alvo do poder. Ele expressa narrativas individuais e coletivas simultaneamente.

O corpo é um objeto histórico e está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa; ele é (re)fabricado ao longo do tempo. Buscar conhecer as diferentes práticas e representações corporais dialoga com o desejo de “tornar questionáveis os gestos e as atitudes que ontem e hoje parecem familiares ou não. Pois o corpo é, ele próprio, um processo. Resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e

⁹ Parto do dualismo cartesiano corpo/mente uma vez em que essa visão foi predominante no trabalho de campo

objetos, ele pertence menos à natureza do que à história. (SANT'ANNA, 1995, p. 11).

Trata-se, portanto [**estudar o corpo**], e já não sem tempo, de pensar para além das oposições liberação e repressão, corpo natural e corpo artificial, não para negá-las, mas para analisá-las lá onde elas sempre estiveram: no curso da história, sendo portanto datáveis, provisórias, plurais e, sobretudo, estreitamente interligadas. Pois as liberdades adquiridas pelo corpo implicam necessariamente em novas responsabilidades assumidas. As formas de controle sobre o corpo, criadas com um apoio técnico e científico, ocorrem de modo paralelo à descoberta de novas coações a serem vividas, de novas zonas de descontrolo, de mistério e de risco” (..) O corpo é “uma verdade tangível e, ao mesmo tempo, amplamente disponível à fragmentação comercial. (SANT'ANNA, 1995, p.14) [**grifo meu**]

Assim como as atitudes corporais apreendidas, a exterioridade do corpo humano também é modificada de acordo com parâmetros social e culturalmente definidos. É importante apontar também que a modificação corporal no contexto de uma sociedade urbana ocidental contemporânea se dá de forma distinta das sociedades tradicionais no que diz respeito ao conjunto de significados atribuídos a ela.

Entendo o corpo e suas marcas como linguagem pois possuem funções de comunicação e retratam noções de identidade, memória, poder, beleza, proteção, celebração, luto, intimidação, práticas curativas, entre outros. Eles podem simbolizar e comunicar aspectos diversos da vida – ritos de passagem, símbolos de pertencimento, mensagens e declarações de amor ou ódio, etc. – quando são auto infligidos ou quando a feitura das modificações passa pela aprovação do indivíduo. As marcas também podem ser castigos, como as tatuagens feitas nos campos de concentração nazistas e na marcação à ferro da pele de escravos nos mais distintos contextos. Pensar a tatuagem enquanto linguagem é identificar que:

Em diversas culturas de distintas complexidades, a tatuagem mobiliza olhares, reflete sentimentos,

classifica e ordena subjetivamente o fluxo intermitente de indivíduos que lhe servem de tela e que nela buscam distinções simbólicas. Formando uma espécie de linguagem, os desenhos da epiderme apresentam uma “gramática” que possibilita organizar nas academias de musculação o regime da visibilidade institucional. Portanto, a tatuagem, do ponto de vista sociológico, é uma linguagem que “está intimamente ligada à organização social: [apresentando] motivos e temas [que] servem para exprimir diferenças de posição, privilégios de nobreza e graus de prestígio. (SABINO, LUZ, 2006, p.258).

1.2 Gênero

Em termos gerais, existe uma oposição entre o biológico (sexo) e o social (gênero). As sociedades humanas atribuem funções divididas e hierarquizadas à diferenciação biológica. Existe uma “gramática de gênero”: um tipo feminino (que na realidade, são vários femininos) oposto a um tipo masculino (que também é diverso).

O gênero se manifesta materialmente em duas áreas fundamentais: 1) na divisão sociossexual do trabalho e do meios de produção; 2) na organização social do trabalho de procriação, em que as capacidades reprodutivas das mulheres são transformadas e mais freqüentemente exacerbadas por diversas intervenções sociais (TABET, 1985/1998). Outros aspectos do gênero são a diferenciação da vestimenta, do comportamento e atitudes físicas e psicológicas, as desigualdades de acesso aos recursos materiais (TABET, 1979/1998) e mentais (MATHIEU, 1985b/1991a) etc. Essas são marcas ou conseqüências dessa diferenciação social elementar. (MATHIEU, 2009, p.223).

Existe a idéia de “sexo social mulher”, a qual rejeito pois reconheço a cisgeneridade e a transgeneridade. Essa idéia desloca o determinismo biológico para o determinismo social e cultural ao afirmar que existe uma socialização específica para o suposto “grupo mulher”. A partir de uma perspectiva transfeminista¹⁰ entendo que existem diversos arranjos de identidades que superam a relação homem – pênis x mulher – vulva. Pessoas trans

¹⁰ Para ver mais: <http://blogueirasfeministas.com/tag/mulher-trans/>

não são “homens que viraram mulheres” ou “mulheres que escolheram ser homens”, ninguém “muda de sexo” através de uma “cirurgia de mudança de sexo”.¹¹ Falo em um “grupo mulheres” partindo de uma segmentação do real. Penso o gênero enquanto uma maneira de produzir posições sociais que organizam politicamente agentes¹² que passam por experiências de vida (de dominação e sujeição, no caso das pessoas identificadas e que se identificam enquanto mulheres) semelhantes, mas nunca as mesmas, pois ainda existem os recortes de classe, de raça e localizações histórico e geográficas distintas. Isso não quer dizer que exista uma “substância feminina”, não quer dizer que podemos falar em uma classe mulher. Não me apoio em uma falsa noção biológica do feminino, apesar de saber que grande parte das correntes feministas perpassam o substancialismo. Reproduzir a categoria mulher é reproduzir as dinâmicas de gênero e da pessoa historicamente (materialmente) construídas. Dialogo com a discussão sobre “essencialismo estratégico” iniciada por Gayatri Spivak e que tem ganhado bastante espaço nos movimentos sociais, assim como na academia¹³

Para todas, é o sexo/gênero "mulheres" que é inferiorizado, mas para algumas é preciso, por isso mesmo, constituir o “sexo” como uma categoria jurídica da representação política **ideológica e simbólica**, enquanto outras receiam que isso ratifique a ideia, já muito enraizada, de uma natureza diferente entre mulheres e homens, de uma especificidade sexuada dos valores, do pensamento e da ação, enquanto a interiorização das mulheres é uma questão "de gênero". (MATHIEU, 2009, p.229, grifo meu).

Gostaria de frisar que por mais que adote essa categoria tenho como intenção o afastamento de qualquer noção e

¹¹ Para aprofundar o debate, recomendo o texto “Interpretaciones inmundas de cómo la Teoría queer coloniza nuestro contexto sudaca, pobre, aspiracional y tercermundista, perturbando con nuevas construcciones genéricas a los humanos encantados con la heteronorma”, de Hija de Perra. (3ª Feria Arte Queer Mendoza 2012 / Centro de Información y Comunicación de la Universidad Nacional de Cuyo/ 16-11-2012)

¹² A dominação não impede a agência de quem é dominado, mas a limita e concede privilégios aos dominadores. “No entanto, opressores e oprimidos não estão no contexto de um contrato entre iguais. Pretender que possa existir consentimento dos dominados às condições definidas pelos dominantes é, então, uma contradição de termos.” (APFELBAUM, 2009, p.78).

¹³ Vale de Almeida, Miguel. 2009. “Ser mas não ser, eis a questão. O problema persistente do essencialismo estratégico”. Working Paper CRIA1, Lisboa

interpretação naturalista ou ontológica à que ela possa dar origem.

O intuito desse trabalho não é apenas constatar que existem desigualdades de gênero nos processos que descrevo. É uma tentativa de articular a descrição da realidade a reflexões sobre essas desigualdades, tentar compreender esses processos que tem como base a hierarquização, tendo em mente que

“considerar apenas o elo de dominação homem-mulher e as lutas contra ele é insuficiente para tornar inteligíveis a diversidade e a complexidade das praticas sociais masculinas e femininas (...) em outros termos, as relações sociais são consubstanciais” (KERGOAT, 2009, p.74).

O gênero marca o corpo, não é o corpo que inscreve o gênero. Pensar o conceito de gênero:

demonstra um modo como o sujeito experiencia a influência de um aparato político sobre seu corpo. Portanto, são corpos docilizados que experienciam a feminilidade, também de acordo com o que é dado para manter a ordem social. (RIBEIRO¹⁴).

Existem vantagens e desvantagens políticas ao se considerar o grupo mulheres como grupo social particular, ainda que essa categoria não explicita as formas concretas da dominação masculina que atingem cada pessoa individualmente. Não estou desconsiderando os diferentes impactos e perspectivas que existem nas experiências individuais. A seguir transcrevo um trecho longo de Débora Quintela que acredito ilustrar o ponto:

As mulheres, individualmente, experienciam formas diferentes de injustiças; o (cis) sexismo interage de formas complexas com outros sistemas de opressão. Não apenas a desigualdade de gênero afeta distintamente cada mulher, como muitas delas sofrem com outros tipos de discriminação social. Ainda assim, o gênero é um fator determinante da definição de todas as mulheres dentro das relações de poder. Segundo Biroli, as mulheres podem ser pensadas como uma categoria particular na análise das relações de poder e desvantagens relativas, porque as hierarquias de gêneros as posicionam, socialmente, de forma

¹⁴ Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/vram2003/a13-lbribeiro.pdf>

semelhante em relação a oportunidades e expectativas (Biroli, 2012, p. 17).

As mulheres não sofrem igualmente com os constrangimentos estruturais relacionados à desigualdade de gênero, mas todas elas os vivenciam, de alguma forma –através das expectativas sociais, oportunidades disponíveis, entre outros. BellHooks (1989) salienta a heterogeneidade das condições femininas em termos de classe e raça. Segundo a autora, o sexismo é uma forma de opressão específica, que está interligada a outras formas, como o racismo. Por esse motivo, o objetivo do feminismo não deveria ser acabar apenas com a opressão de gênero, mas ser uma luta que abarca diversidades, enfrentando todas as maneiras de forçar a subordinação de grupos. Isso porque nenhum indivíduo é composto por apenas uma identidade, nenhuma mulher é apenas mulher, todos os indivíduos são sujeitos completos que ocupam posições particulares na sociedade. (QUINTELA, 2014, p.14).

1.3. Desigualdade de gênero e dominação masculina

As relações desiguais de gênero são o conjunto de normas e a construção das normas de sistemas sociais nas quais se inserem status, papéis e temperamentos específicos para cada gênero, assegurando a hierarquia de gênero. Ao “masculino” são atribuído os papeis sociais dominantes e ao “feminino” os que demarcam posições de submissão e dependência. A ideologia da dominação masculina (ou patriarcal¹⁵) é inscrita nos corpos, mentes e conjunto de ações e discursos através da educação – formal e não formal – da religião, da instituição da família e da mídia.

Toda relação de dominação, entre dois grupos ou duas classes de indivíduos, impõe limites, sujeição e servidão àquele(a) que se submete. Ela introduz uma dissimetria estrutural que é, simultaneamente, o efeito

15 Uma objeção ao uso do termo patriarcado “é sua generalidade: pode-se reprová-lo por universalizar uma forma de dominação masculina situada no tempo ou no espaço (...) alguns autores precisam o tempo e a localização de seu uso (DELPHY, 1998), mas o uso atemporal também é legítimo, se não conceder poder explicativo ao termo e ‘patriarcado’ for empregado de maneira descritiva (...) não mais que outros termos de Ciências Sociais, os termos ‘patriarcado’, ‘gênero’ ou ‘sistema de gênero’, ‘relações sociais de sexo’ ou ‘relações sociais de gênero’, ou qualquer outro termo suscetível de ser empregado em seu lugar, não tem definição estrita e tampouco uma com a qual todos estejam de acordo” (DELPHY, 2009, p.178). Contudo o termo pretende descrever “não atitudes individuais ou de setores precisos da vida social, mas um sistema total que impregna e comanda o conjunto das atividades humanas, coletivas e individuais” (Ibid).

e o alicerce da dominação: um se apresenta como representante da totalidade e o único depositário de valores e normas sociais impostas como universais porque os do outro são explicitamente designados como particulares. Em nome da particularidade do outro, o grupo dominante exerce sobre ele um controle constante, reivindica seus direitos fixando os limites dos direitos do outro e o mantém num estatuto que retira todo o seu poder contratual (APFELBAUM, 1979/1999). A dissimetria constituinte da relação de dominação aparece não somente nas práticas sociais, mas também no campo da consciência e até nas estratégias de identidade. O uso freqüente, conquanto abusivo, do termo “relação de poder” no lugar de “relação de dominação” faz desta uma relação de força suscetível de ser invertida em certas circunstâncias e permite subestimar os efeitos irredutíveis que lhe são inerentes. (DELPHY, 2009, p.76).

A desigualdade de gênero se dá em diversas praticas sociais e em várias esferas da realidade, tanto materiais quanto simbólicas. O que será abordado são as implicações da desigualdade na adoção da “tatuagem feminina” enquanto prática de embelezamento e como se relacionam com a construção das identidades que tem como referência ideais de feminilidade.

2. Materiais e Métodos

Este trabalho foi desenvolvido por meio de trabalho de campo junto a pessoas tatuadas do gênero feminino, em um estúdio de tatuagem específico (Estúdio Tattodubem), localizado na cidade de Niterói, nos anos de 2011, 2013 e 2014¹⁶. Foi realizado levantamento bibliográfico sobre os temas abordados; elaboração de diários com anotações de campo, entrevistas realizadas in loco e registros visuais, ainda que nem todos esses dados sejam detalhados no decorrer do texto.

2.1. Estúdio “Tattodubem”, inserção no campo e reflexividade

O estúdio que escolhi como ambiente para desenvolver a pesquisa se chama Tattodubem e se localiza na zona sul de Niterói, na rua Mariz e Barros (bairro de Icaraí). A área é valorizada economicamente, e nela se encontram lojas de grife, bistrôs e cafés frequentados pela classe média e alta. Contudo, o estúdio não possui a característica de ser “de elite”, e por lá circulam pessoas de diversas camadas sociais.

Três tatuadores (Alan Macintosh, Luiz Cláudio e Marcio Junior) dividem o espaço de duas cabines equipadas com macas e computadores, alternando horários e dias para atender os clientes. No local também são feitos piercings. Estes estão ao encargo de Alan e da recepcionista Fernanda. Além dos serviços de tatuagens e aplicação de piercings, no estúdio estão à venda sucos, cerveja, água e toddynho; acessórios como alargadores¹⁷, bolsas, anéis, brincos e arcos; produtos de beleza importados (maquiagem e

¹⁶No ano de 2011 comecei a pensar no tema e realizei um trabalho para as disciplinas de Antropologia V e Sociologia V (ambas cursadas na Universidade Federal Fluminense). Em 2013, retomei o estudo para a disciplina de Antropologia do Corpo, que também ocorreu na UFF, e em 2014 para a disciplina de Rituais e Simbolismo.

¹⁷ Um alargador é um equipamento utilizado para fins de modificação corporal capaz de criar furos em determinadas áreas do corpo humano, utilizado especialmente nos lóbulos da orelha, mas também aparece em outras partes do corpo como lábios, nariz, etc. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alargador>). Acesso em: 10 jul. 2015.

perfumes); artigos importados chamados de “muambas legais” que vão de isqueiros com formatos diversos, bonecos de personagens de desenhos animados como frangos de borracha tatuados.



Fachada do estúdio vista da rua (foto cedida por Alan)



Isqueiro com forma de granada (foto cedida pelo estúdio)

A inserção em campo se deu sem complicações ou impedimentos, uma vez que sou amiga e cliente de um dos tatuadores (Alan). Frequento o estúdio há pelo menos cinco anos e o interesse por modificação corporal é anterior a isso. Muitas das reflexões presentes no meu trabalho são fruto de experiências diversas, vivenciadas ao longo de vários anos, o que me leva a considerar meu trabalho de campo também como um processo para além das entrevistas e observação participante no estúdio Tattodubem. Aqui, cabe pontuar que possuo sete tatuagens, cinco delas feitas durante o tempo em que pesquisei no estúdio e quatro delas feitas pelo Alan. Faz parte da minha rotina ser abordada por pessoas na rua, na faculdade ou em outros lugares para falar sobre tatuagens. Perguntas sobre o que as minhas significam, dicas de estúdios, cuidados com a pele, sugestões para desenhos e estilos: convivo com isso cotidianamente.

Para pensar um “trabalho de campo contínuo”, utilizo a leitura de Karina Biondi e do livro “Junto e Misturado: Uma Etnografia do PCC” (2010) escrito por ela. O contexto do campo de Biondi é bastante específico – seu marido fora preso e ela desenvolveu a parte da pesquisa “em campo” durante as visitas a ele. Não pretendo equivaler a minha experiência com a pesquisa e a dela, contudo o que ela descreve se assimila a esse processo que fiz menção acima:

As coisas não me foram todas dadas a conhecer em períodos delimitados, em segmentos da pesquisa de campo passíveis de serem descritos. Muitas me passaram despercebidas, outras sem importância ou relevância, a ponto de eu sequer me preocupar em tomar nota. (...) Mas tempos depois, ao vivenciar outras experiências, situações ocorridas em alguns daqueles dias eram requisitadas a se unir a novas informações e compor dados importantes para a pesquisa. Aquelas informações ganhavam, então, visibilidade e importância, pois eram fundamentais à elucidação do que estava acontecendo. (BIONDI, 2010, p.24).

Mais do que servir às análises propriamente ditas, a contínua interpelação sobre tatuagens e seus diversos aspectos por pessoas

conhecidas e desconhecidas ao longo dos anos me (re) colocavam constantemente em contato com a pesquisa. Tinha ela sempre em mente e, ao ouvir certas questões ou análises repetidas por pessoas diferentes, pude estar mais atenta durante o trabalho de campo. Como também observa Biondi:

uma ida a campo muitas vezes não se encerra em si mesma, pois é composta por muitas outras experiências, observações, tempos e espaços que são chamados a conferir àquele momento alguma inteligibilidade. Em outras palavras, a compreensão da experiência vivida depende muitas vezes de sua mistura com experiências passadas. A trajetória desta pesquisa permite enxergar meu trabalho de campo não como um período limitado de tempo num espaço determinado, mas como um estabelecimento de conexões que extrapolam os limites do tempo e do espaço do campo. (Ibid).

No que diz respeito ao estúdio Tattodubem, após conversar com o Alan e com o Luiz sobre a realização de um estudo no lugar de trabalho dos dois e ter tido o aval para fazê-lo, comecei imediatamente a fazer as entrevistas. Estas não tiveram um roteiro rígido e foram bem aceitas pelos entrevistados, já que a maioria das pessoas gosta de falar sobre suas motivações e marcos pessoais como o “significado da tatuagem”, apontados por grande parte delas como motivo principal para fazerem suas tatuagens.

A amizade com um dos tatuadores não apenas me proporcionou um ambiente confortável¹⁸ como também uma posição favorável para iniciar as entrevistas, uma vez que o próprio Alan por vezes indicou clientes considerados “legais” para conversar. A existência de clientes considerados “chatos” é um dos tópicos de discussão preferidos dos tatuadores do local. As relações que estabeleci durante esse processo foram próximas e bastante ricas no que diz respeito à informação, tanto na capacidade de trocar, quanto de obter. Estar inserida em um contexto em que já dominava a linguagem básica a respeito da

¹⁸ Sem impedimentos ou assédios, como algumas pesquisadoras costumam relatar.

tatuagem e seus processos técnicos, além de estar situada quanto ao movimento do estúdio (horários de funcionamento, momentos do dia em que tem mais clientes, entre outras facilidades) me permitiram desenvolver diálogos com os clientes e com os tatuadores mais interativos sobre esse campo de conhecimento.



Alan tatua a panturrilha de Júlia

Alguns textos me ajudaram com o exercício de tentar distanciar olhar familiar do objeto de pesquisa. “O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever” de Roberto Cardoso de Oliveira foi um deles. Ter algum tipo de referencial teórico foi essencial para conseguir o realizar essa parte da pesquisa, uma vez que esses atos cognitivos estavam comprometidos pela familiaridade com o meio. Contudo, as questões que abordo no

presente trabalho não me foram dadas pelas leituras que fiz sobre os temas, nem partiram de idéias sobre tatuagem que já havia formulado antes do trabalho de campo. Se em um primeiro momento da pesquisa buscava entender de que forma a escolha das imagens que seriam tatuadas se dava, em pouco tempo pude perceber as especificidades dos discursos dessas mulheres que entrevistei e como eles se relacionavam.

2.2. Mulheres com tatuagem

A conformação do corpo para alcançar um modelo “mais conveniente” (segundo as pessoas que entrevistei) e desejável de acordo com critérios culturais definidos é meta para um número enorme de indivíduos. É esperado que pessoas que se referenciam segundo normas de padrão femininas¹⁹ sejam: magras, dóceis, gentis, bonitas (segundo esses padrões), delicadas, etc.²⁰ Para conseguir o “corpo ideal²¹” esperado, muitas se submetem a modificações corporais (body modification). De acordo com Ferreira Pires (2005), existem dois tipos de modificações corporais: 1) são as práticas que reforçam formas e características próprias do corpo, como as cirúrgicas plásticas, dietas, pintura de fios grisalhos no corpo, etc. Observei que as metas mais freqüentes para mulheres são: ter uma cintura fina, quadril estreito, seios fartos, não ter celulites ou estrias, entre outros; e 2) o segundo tipo de modificação corporal se configura da seguinte maneira: existem pessoas que são adeptas de formas e elementos que modificam o corpo que não têm como objetivo aproximá-lo de um padrão considerado normal (que existe na natureza). Essas práticas não têm correlatos com o que o corpo

¹⁹ Como muitas autoras feministas não-brancas destacam, essas normas tem especificidades de classe e raça. Destaquei acima a decisão de generalizar esse grupo “mulheres”, mas é importante pontuar. Uma boa discussão sobre isso se encontra no link: <https://eldemonioblancodelateteraverde.wordpress.com/2015/05/14/feminismo-interseccional-frente-a-feminismo-colonial/> Acesso em: 12 jul. 2015.

²⁰ Existe um grande numero de textos que definem esse padrão, entre eles: “O Mito da Beleza”, de Naomi Wolf; “A dominação Masculina, de Pierre Bourdieu; “A mística feminina”, de Betty Friedan; “Pós-mulher: corpo, gênero e sedução”, de Fábio Lopes Alves; “Políticas do Corpo”, de Denise de Sant’anna;

²¹ Ver introdução.

humano de fato possui; são elas a adoção de piercings²², de tatuagens, de escarificações²³, de implantes de metal estéticos, etc. Esse grupo é composto por pessoas que compartilham ideias e ideais acerca das modificações corporais, segundo a autora.

Sei das diversas possibilidades de enfoque que poderia dar ao trabalho, mas escolhi me ater às pessoas que modificam seus corpos utilizando as técnicas descritas no item 1, com um recorte que explicitarei abaixo.

Para realizar este trabalho, o método de pesquisa foi o etnográfico, de observação e participação. Um momento da pesquisa foi constituído por entrevistas feitas nos anos de 2011, 2013 e 2014 em um estúdio de tatuagem²⁴, com pessoas do gênero feminino de idades entre 18 e 62 anos. As ocupações, assim como a faixa etária, são bastante variadas: professoras, advogadas, donas de casa, desempregadas, estudantes, aposentadas, etc. Apesar do estúdio de tatuagem escolhido ser localizado em um bairro de classe média e alta e as sessões custarem uma quantia elevada de dinheiro (o preço de uma sessão de 1h30min é R\$275,00), pessoas de diversas camadas sociais são clientes. Foram entrevistadas onze pessoas no período entre 14 de Outubro e 09 de Novembro de 2011. No ano de 2012 não fiz nenhuma entrevista, pois não tinha intenção de dar prosseguimento ao trabalho, mas continuei frequentando o ambiente. Retomei as entrevistas no segundo semestre de 2013 para escrever o trabalho de conclusão da disciplina Antropologia do Corpo. Durante esse período entrevistei outras nove pessoas. Em 2014, entrevistei outras cinco, dessa vez para um trabalho da disciplina Rituais e Simbolismo, totalizando vinte e cinco entrevistadas.

²² Modificação corporal feita por material perfurante (e.g. agulha, dentes de animais) e adorno do furo resultante.

²³ Modificação corporal que consiste em produzir cicatrizes no corpo através de instrumentos cortantes (fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Escarifica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 17 jul. 2015)

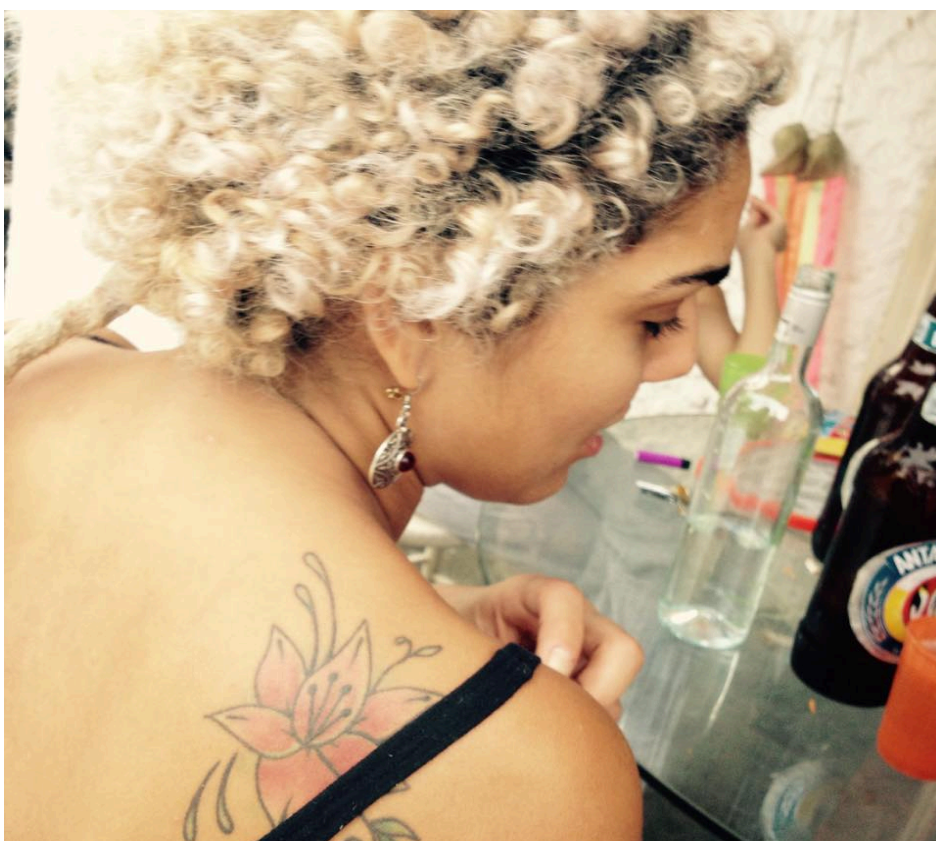
²⁴ A maioria das entrevistadas estava sendo tatuada no momento das entrevistas

Considerarei também algumas questões que foram recorrentes em conversas informais e nas entrevistas. Por conversas informais me refiro às abordagens de pessoas desconhecidas que perguntam sobre as minhas tatuagens e se sentem à vontade para contar histórias sobre as tatuagens que possuem ou sobre as de parentes e conhecidos. Muitas dessas abordagens são em ônibus, na rua, na faculdade, entre outros lugares. Refiro-me também às conversas com amigos e parentes e às discussões com tatuadores (que também são amigos). Algumas entrevistas em campo foram feitas enquanto eu mesma estava sendo tatuada. Os temas mais frequentes fazem parte de construções e/ou idealizações das entrevistadas que dizem respeito a idéias relacionadas à preocupação com o corpo e práticas embelezadoras, partindo do pressuposto de que o corpo feminino necessita de cuidados e é constantemente submetido a julgamentos estéticos tanto internos quanto externos.

Meu intuito é discutir algumas destas questões e ainda tentar relacioná-las em um contexto mais amplo, referente a representações de feminilidade em que o dócil, o discreto e o sensual se misturam e se confundem nos discursos. Acho particularmente interessante, apesar de não me aprofundar no assunto, observar o universo de possibilidades dentro dessas ideias; os desenhos e lugares do corpo que são permitidos e os que são proibidos e como esses “filtros” se relacionam com o discurso de “autonomia sobre o corpo”. Exemplos de locais permitidos para mulheres são a nuca, os pés, o quadril, os ombros, os pulsos; lugares que são proibidos só o são se não estão de acordo com a estética “delicada” esperada, que são desenhos pequenos ou que se relacionem com os contornos do corpo, dando um “ar de sensualidade”.



Karina e sua estrela²⁵



Amanda mostra sua flor

²⁵ As fotos no corpo do texto foram feitas por mim e retratam amigas com as quais converso sobre tatuagem.

Observei que o pescoço e o rosto são os únicos locais que nunca são considerados pelas entrevistadas como um lugar possível por serem considerados “agressivos” ou “brutos”. Existem representações de classe e de gênero específicas relacionadas a certas categorias de permitido e proibido. Ao mesmo tempo em que uma noção de liberdade de escolha e expressão de subjetividade autônoma está presente no discurso de todas as entrevistadas.

3. Autonomia, tatuagem como prática de embelezamento e feminilidades

Trago uma reflexão acerca do uso da tatuagem por pessoas do gênero feminino e como essa marca se relaciona com uma construção de si feminina dentro de parâmetros bem definidos (RAMOS, 2011). A inscrição na pele aparece como demarcação da expressão estética de gênero²⁶ (SABINO; LUZ, 2006) e entre as pessoas que entrevistei predomina uma ideia de incorporação da tatuagem às possibilidades estéticas socialmente aceitas para o grupo identificado como “mulher”. Uma fala importantíssima foi a de Adriana, uma das entrevistadas, de 28 anos e estudante de direito. Conversávamos sobre as motivações que a levaram a se tatuar e o seu posicionamento a respeito do que é permitido e o que não é permitido para mulheres foi o seguinte:

Todo mundo faz o que acha certo com seu corpo, tem gente que põe aqueles piercings no nariz, aqueles que parecem de índio, sabe? Eu particularmente não gosto, acho que fica muito grosseiro, principalmente em mulher. Já vi tanta menina bonita com aquilo no rosto, acho que estraga um pouco. **Tem que ser delicada**, né. Até tive piercing, mas no umbigo, tenho esses aqui na orelha. Enfim, **cada um faz o que quer**, o que acha legal, mas eu não faria algumas coisas. Tatuagem também, **a gente tem que ter cuidado**, pensar no desenho, no lugar. Se vai dar pra cobrir em alguma situação, imagina numa festa de trabalho e você com um trambolho tatuado competindo com sua roupa? Não fica elegante. E **a gente** tem que ser elegante, né? Acho importante.

O argumento de Adriana se inicia pela marcação “todo mundo” e termina com “a gente” e isso é bastante significativo: todas as pessoas, segundo ela, tem a liberdade pra fazer o que querem com o corpo, mas “a gente” não tem, “a gente” tem que ser “delicada” e tem que ser “elegante”. Esse grupo ao qual Adriana se refere e inclui nós duas é o que ela entende por “(ser) mulher”. Um dado relevante é que todas as 25 (vinte e cinco)

²⁶ Mas não só de gênero, como também de classe e étnico-racial.

entrevistadas²⁷ fizeram alusão à ideia de autonomia sobre o corpo em algum momento, assim como todas fizeram concessões a respeito do que consideravam “aceitável” ou “não aceitável” para as tatuagens em mulheres.

Meu ex-namorado foi quem me convenceu a fazer a primeira, era o sobrenome dele, aqui na lombar (*mostra o lugar*). Sempre tive muito certo que ia casar com ele, então fui lá e fiz mesmo, ficou **sexy** e ele adorava. Acho assim, que tatuagem tem a ver com o que as pessoas querem pra vida, ou pelo que já passaram, tipo homenagem. **Cada um escolhe e é livre pra fazer o que bem entende.** (...) quando acabou o relacionamento achei melhor cobrir porque me sentia marcada que nem vaca com aquele nome. Aí fiz o escorpião, mas só fiz também porque é meu signo. **Acho que quando tem um motivo mesmo, tudo bem mulher ter desenho de bicho assim porque tem bicho que não é muito bonito.** Cobra, rato, barata, essas coisas não fica bom, não dá pra fazer, muito feio e nojento. Agora, borboleta, golfinho, pássaros, assim tipo o seu, aí tudo bem. São bichos mais bonitos. (Karen, 32 anos, vendedora em loja de roupa)

Sempre quis ter tatuagens, desde novinha. Acho muito legal a coisa toda, **mostra que somos donos da nossa vida**, que a gente aguenta dor, que somos constantes também, porque tem essa decisão de ser pra vida toda, isso de escolher uma coisa nossa e fazer (...) Todo mundo lá de casa fez uma tatuagem pro meu avô. Eu, meus irmãos e meu pai, todo mundo mesmo. Uma das coisas que mais lembra ele é o barco que ele tinha, aí escolhemos um desenho simples, só de traço e todo mundo tem igual. Eles fizeram na parte de fora do braço, e **eu fiz no pulso, diminui o tamanho e fiz no pulso. Achei mais delicado. Pra eles ficou muito bom no braço, mas pra mim não dava, né?** (Paula, 18 anos, estudante)

A entrevista de Karen traz mais elementos que ajudam a tentar formular uma idéia do que é considerado razoável para as “tatuagens femininas”. Se ficar “sexy” ou retratar alguma coisa “bonita” está dentro do que é aceitável, então é permitido. O que é “feio e nojento”, como ratos, baratas e cobras, não é permitido. Ela também reforça o argumento de Adriana de que cada pessoa é “livre pra fazer o que bem entende”, mas a mulher tem que ter “um motivo mesmo” ou então “não dá” para fazer. Paula, por sua

²⁷ Ver capítulo 2, “Materiais e Métodos”.

vez, argumenta que para os irmãos e pai a tatuagem no braço fica “boa”, mas pra ela “não dava”; a dela teria que ser “delicada”.

Escolhi fazer um dragão nas costas na minha primeira tatuagem. **Ela ficou grande, mas super delicada.** Meus pais e minha irmã me encheram bastante o saco, falando que não ia ficar bom, que ia ficar **bruto**. Falei que não importava, que eu tava pagando e já tinha 18 anos, então quem decidia era eu. **No final todo mundo gostou, apesar do tamanho. Ela segue minhas curvas, é bastante sensual.** Adoro usar vestidos que mostram uma parte dela, deixa as pessoas com vontade de ver o que tem por baixo, como ela termina. E assim, não é nada **agressivo** (Luiza, 32 anos, professora de educação física)

Vim fazer uma caveira e rosas no braço. Ela **vai ser bem grande, mas não tem problema.** Antes eu achava que não tinha porque fazer uma tatuagem grande, mas aí acabei gostando da idéia de fazer uma fada na costela. Fiz, e é **enorme, mas linda. Ela segue o contorno da minha cintura,** ficou muito boa. **Valoriza bastante meu corpo.** Foi assim que parei com isso de não gostar de grande. Vou fazer essa outra porque vi que **dá pra ser bonita grande, sem ser agressiva.** Ah, mesmo sendo uma caveira não vejo problema. (Clarice, 24 anos, estudante)

Clarice e Luiza falam sobre a relação entre o tamanho de suas tatuagens e porque gostam delas, em outras palavras, porque as consideram adequadas. As duas apontam que mesmo “grandes”, não ficaram “agressivas” e “valorizaram” seus corpos. As idéias de delicadeza e beleza na tatuagem feminina aparecem em seus argumentos, assim como nas entrevistas citadas acima. Se em um primeiro momento poderíamos supor que delicadeza teria a ver com tamanho reduzido, vemos que não é bem assim. A tatuagem pode ser grande e delicada contanto que “siga os contornos do corpo”, podendo assim valorizá-lo. Parto da constatação de que existem pressupostos que guiam o entendimento do que é e o que não é aceitável para as tatuagens dessas mulheres. Tais pressupostos são compartilhados, ainda que não sejam acordados *a priori* por nenhuma delas ou por elas em conjunto. As entrevistadas abordam noções relacionadas a subjetividade

(corporificada), individualidade, “escolha”, “vontade”, entre outros. Meu intuito não é negar a agência dessas mulheres que ressignificam suas experiências (BIROLI, 2013) de forma única e própria e muito menos falar por elas. Entendo, porém, que esses discursos tem que ser contextualizados no cenário da realidade social e que devemos pensá-los tendo em mente as formas de dominação e estruturas de poder presentes na sociedade contemporânea. Baseio-me na:

constatação de que a explicação e a compreensão dos fenômenos sociais, culturais, filosóficos e históricos se dão constantemente de modo genderizado, ainda que seja uma expressão automática, em um ponto cego, nos habituais quadros de pensamento. Afinal, as relações de gênero são presentes e transversais à totalidade das categorias pelas quais apreendemos e concebemos a condição do humano, isto é, impregnam a inteireza das relações e cenas sociais simultaneamente ao serem tecidas no e por essas relações e cenas (CHABAUD-RYCHTER, 2014, p.XIV)

Foi a partir das entrevistas que passei a pensar até que ponto as tatuagens ditas femininas, que são entendidas enquanto expressão da subjetividade autônoma pelas entrevistadas, não seriam cerceadas pelas imposições e constrangimentos das regras sociais interiorizadas pelos sujeitos. Uma vez em que estão inseridas no contexto de diferenciação e dominação do gênero masculino sobre outras identidades de gênero não-hegemônicas, é possível inferir que os papéis sociais esperados (estereótipos de gênero²⁸) ditam a forma como essas pessoas entendem a si mesmas, ainda que em graus distintos, uma vez em que existem variáveis de gênero, de raça, de classe e de sexualidade. Portanto, acredito que essa seja uma questão pertinente para o trabalho que busco desenvolver. Ao longo da pesquisa, algumas discussões e conceitos me foram caros para pensar sobre os dados oriundos do trabalho de campo. Discutirei alguns deles abaixo, sempre com o intuito de apresentar reflexões e não conclusões a respeito desse tema.

²⁸ Conjunto de comportamentos, ações, discursos, etc. atribuídos a determinado gênero.

3.1 Autonomia²⁹ e as relações entre gênero e o uso da “tatuagem feminina”

As relações de gênero atravessam toda a sociedade, e seus sentidos e seus efeitos não estão restritos às mulheres. O gênero é, assim, um dos eixos centrais que organizam nossas experiências no mundo social. Onde há desigualdades que atendem a padrões de gênero, ficam definidas também as posições relativas de mulheres e de homens – ainda que o gênero não o faça isoladamente, mas numa vinculação significativa com classe, raça e sexualidade. (MIGUEL, 2014, p.8).

Abordo a interpretação da autonomia individual enquanto ideal normativo uma vez em que a noção liberal de indivíduo é a base da social democracia. Segundo Biroli e Miguel (2014):

“O liberalismo opera com o pressuposto que, na vigência dos direitos formalmente iguais, o respeito às escolhas voluntárias feitas pelos indivíduos é um requisito e um ponto de chegada para a cidadania. Nesse caso, a ausência de coerção implica a possibilidade do exercício efetivo da liberdade, ainda que as escolhas voluntárias – no sentido de não coagidas – dos indivíduos os conduzam a relações de subordinação. Restrições ao exercício da autonomia são, no entanto, constitutivas das sociedades liberais. O acesso a recursos e o reconhecimento do valor e da capacidade dos indivíduos para definir a própria vida variam segundo as características e sua posição nas relações de poder, entre elas o gênero. Desigualdades estruturais impactam as possibilidades de autodefinição e as oportunidades disponíveis para as pessoas” (p.110).

Ou seja, por definição, o que é entendido enquanto imposição não pode fazer parte da autodeterminação do sujeito. Existe um problema nessa demarcação da noção de indivíduo pois a mesma não abrange coerções não-diretas. Uma vez que existem

²⁹ Para debater a noção de autonomia, utilizo prioritariamente textos da pesquisadora Flávia Biroli, alguns deles elaborados em conjunto com o também pesquisador Luis Felipe Miguel.

certas marcações de gênero normativas, que não passam de construtos sociais, e que são atreladas aos indivíduos (e às noções que têm de si) através de uma série de mecanismos e instituições, podemos considerar que a margem de autonomia – especialmente no que se diz respeito às identidades de gênero, expressões de gênero e orientações sexuais- é reduzida. O que é esperado e determinado socialmente limita a agência; a noção liberal de indivíduo não nos permite enxergar as desigualdades efetivas. A autora também afirma que:

Ainda que esteja na base de compreensões socialmente legitimadas e **vivenciadas individualmente de modo significativo**, a própria definição de determinados atributos e comportamentos como femininos oculta o fato de que não têm quaisquer conexões intrínsecas ou necessárias, mas apenas ideológicas, com as mulheres ou o corpo feminino. Um dos problemas que se colocam é a complexidade da relação entre formação das preferências e agência. As formas de vida assumidas pelos indivíduos, assim como suas preferências e suas identidades, são socialmente produzidas, mas individualmente vividas. Isso significa, entre outras coisas, que as restrições que é preciso reconhecer ao analisar as condições estruturais para o exercício da autonomia, no que podemos chamar de dimensão crítica sociológica, não impedem que se considerem legítimas as motivações dos indivíduos. Nesse caso, o da dimensão normativa da autonomia, trata-se de considerar e respeitar a condição dos indivíduos como agentes morais. As identidades, mesmo quando são produzidas em contextos desfavoráveis à aquisição, pelos indivíduos, das competências e dos recursos necessários ao exercício da autonomia, podem ser caras e, em muitos sentidos, podem mesmo ser o que há de mais caro a esses indivíduos. (p.116, grifo meu).

Com isso, gostaria de voltar a afirmar que minha intenção é respeitar a trajetória individual de cada uma das entrevistadas, assim como seus discursos. O que pretendo é: 1) destacar a dimensão normativa que existe no que é considerado enquanto autonomia sobre o corpo por elas. Ideais, estereótipos, padrões esperados e papéis sociais prescrevem os comportamentos: vivemos em relações de dependência; e 2) apontar que uma identidade que tenha como referência padrões de feminilidade (e

a adoção de “tatuagens de mulher” nesse contexto) está inserida no nexo das relações sociais concretas e, por isso, é formada em meio a tensões, interpelações, constrangimentos e demandas que muitas vezes não são entendidas como tal. A questão não se dá na oposição entre autonomia individual e produção social da individualidade e sim na oposição entre agência individual e estruturas sociais (BIROLI, 2013)³⁰.

3.2 “Tatuagem de mulher” e marcações de gênero

Adoro quando me perguntam sobre ela (tatuagem). Um cara que eu conheci uma vez me disse que se interessou por mim logo de cara ao ver a minha tatuagem, disse que **dava pra perceber** que eu era interessante, livre, mas “**bem mulher**”. Tem algumas pessoas que não se preocupam com isso, acho estranho. **Tem umas tatuagens que não casam; homem com borboleta, com tatuagem delicadinha; mulher com aqueles desenhos enormes, sem cor, sem detalhe, sei lá. Me sinto poderosa, uma mulher poderosa, a tatuagem me proporciona isso.** (Fátima, 43 anos, autônoma)

Eu quis essa cereja no ombro porque queria mostrar como eu sou: **sensual**. Tenho também essa fada na **lombiar**. Gosto que me reparem na rua, quando saio a noite e acho que um **desenho bonitinho** chama a atenção pra essa parte do meu corpo. Uso bastante decote, brinco muito com meu cabelo, todo mês apareço com alguma novidade de estilo e acho que a tatuagem combina muito com esse estilo. **Quero que me vejam como uma mulher sexy, sem frescura, mas que se cuida.** (Luiza, 28 anos, vendedora)

³⁰ O texto “Autonomia, opressão e identidades: a resignificação da experiência na teoria política feminista”, Florianópolis: Revista Estudos Feministas v.21(1), 2013 (p.81-105) traz dois pontos de vista no que diz respeito às “possibilidades de resignificação da experiência e definição autônoma das identidades em contextos sociais em que prevalecem relações de poder desiguais e assimétricas” (p.84) para mulheres. Um ponto de vista é desenvolvido pela autora Iris Marion Young e tem como foco as possibilidades de resignificação da experiência (noção de “corpo vivido”), sem desconsiderar as relações de opressão e dominação; o outro parte da análise de Catherine A. MacKinnon (noção de “conhecimento vivido”) que enfatiza as restrições impostas à construção de identidades, adicionando considerações relativas a oposição entre subjetivação e alienação.

Assim como as outras entrevistadas citadas anteriormente, Luiza e Fátima destacam as especificidades de suas tatuagens femininas e como elas são parte de um conjunto de características que as identificam enquanto mulher não só para si mesmas, mas para os outros. Fátima diz que, além de ser apontada como uma mulher “interessante e livre”, a tatuagem que possui a marcou como “bem mulher” para outra pessoa; para ela a tatuagem proporciona sentir-se “uma mulher poderosa”. Luiza se define como “sensual” e gostaria que a vissem enquanto “uma mulher sexy, sem frescura, mas que se cuida”. Entendo que existam diferentes questões em suas falas (como as noções de poderosa, livre, sem frescura, etc.), mas vou me ater a uma qualidade compartilhada pelas duas, a de que são mulheres e de que as tatuagens que fizeram (ou pretendem fazer) as identificam como tal. Sendo assim, a tatuagem pode ser entendida como técnica que demarca uma estética de gênero.

O texto “Tatuagem, Gênero e Lógica da Diferença”, de César Sabino e Madel T. Luz, discute a adoção de tatuagens por frequentadores de academias de musculação que compartilham a lógica do fisiculturismo, na cidade do Rio de Janeiro. Os autores afirmam que:

“as divisões estabelecidas pelos desenhos configuram a manutenção, reprodução mesmo, da gramática das diferenças inerentes às relações de gênero. Quando pensa escolher seu desenho (seja ele qual for), o indivíduo é “escolhido” por todo um conjunto de representações e práticas, estruturas subjetivas e objetivas reproduzidas pelo estilo de vida que articula e imita (EDMONDS, 2002). Tal sistema (inconsciente) aparta, organiza, distingue e constitui as (dis)posições sociais, alocando o indivíduo *em* uma, e exprimindo *a* sua condição de gênero e classe [diria também racial]” (2006, p.255)

Confirmando a separação entre tatuagem e tatuagem feminina, os autores apontam a existência entre três grupamentos de tatuagens, separados pelos desenhos: 1) femininas; 2)

masculinas; 3) unissex.³¹ Durante o trabalho de campo, pude observar uma lógica parecida, mas acredito que destacar que ainda que os desenhos, ou as temáticas de desenhos sejam similares, eles não são adotados da mesma forma: nem nos mesmos locais do corpo, nem com o mesmo discurso. Geralmente, nos corpos ditos – e entendidos – enquanto femininos, as tatuagens servem para: a) “realçar” curvas e contornos considerados “sexys”; e b) para marcá-lo de forma “discreta”. Os locais do corpo costumeiramente eleitos pelas mulheres são cintura, pulso, seios, glúteos, lombar, pescoço, pés, virilhas, calcanhares, coxas e omoplatas.



Julia e as frases

³¹ “Mulheres tendem a tatuar determinadas figuras, como rosas e flores em geral, estrelas, borboletas, lua, sol, personagens femininas de histórias em quadrinhos, beija-flores, gatos e fadas. Ideogramas, desenhos tribais, palavras e frases em letra gótica, símbolos da computação, códigos de barra, corações, duendes, deuses ou deusas mitológicos são símbolos inscritos tanto na pele de homens quanto de mulheres. Águias, cruzes, panteras, tigres, dragões, demônios, caveiras, armas, arame farpado, sereias, mulheres nuas, tubarões, esqueletos com foice e capuz e, principalmente, cães da raça pitbull, são tatuagens masculinas” (Ibid, p.255).

Fiz essa borboleta **no pé** hoje, mas já tinha uma coroa e um símbolo do infinito **no pulso**, fiz com a minha irmã pra mostrar como a gente é ligada e sempre vamos ser. Quis fazer outra porque achei bem pequena e **delicada**, combina muito com o meu jeito. Tive medo da minha mãe falar quando fiz as primeiras, eu e minha irmã tivemos, na verdade... Mas como foram pequenas ela nem ligou e até apareceu em casa com uma gaiivota no pulso também! (Anne, 19 anos, estudante)

Tatuagem pra mim é enfeite. Tem que **valorizar meu corpo**, minha história também, mas principalmente meu corpo. Não consigo me ver fazendo uma que não seja com cores bem **delicadas**, tipo rosa, amarelo, azul claro. Tem que ser sensual também, mas **não pode ser vulgar, bruto. Bem feminino, sensual**, dizendo quem você é, né.
(Carla, 19 anos, estudante)

Como Anne, Carla e demais entrevistadas nos deixam entender, existe a ideia de que a tatuagem pode ser sexy, discreta ou ambas, o que interessa é se ela é “delicada”, em contraponto ao que seria “agressivo”, “bruto” ou “vulgar”. Sabino e Luz afirmam também que “o desenho pode significar, para aquele que tem em seu corpo, uma iniciação, o pertencimento, a identificação e a aceitação em um determinado grupo” (2006, p.256). Ao pensar no que isso implica na concepção da tatuagem de mulher, tenho em mente que o gênero, que é produzido e reproduzido socialmente, e a dominação do gênero masculino localizam a forma segundo a qual as pessoas pensam,

“se representam, constroem, administram as relações que mantém entre si, e mais amplamente, suas relações com o espaço social, publico e privado. Da mesma maneira, a identidade pessoal e a subjetividade, e mais geralmente as formas psíquicas de individuação, também são a consequência do lugar singular que o sujeito ocupa no funcionamento concreto das relações de dominação e de gênero” (APFELBAUM, 2009, p.78).

Entendo que o “grupo mulher” possui como uma de suas marcas as feminilidades. O que proponho a seguir, são reflexões sobre esses conceitos e sua relação com o tema descrito anteriormente.

3.3 Feminilidades

As feminilidades são as características e qualidades sociais atribuídas e esperadas das mulheres. Esses atributos fazem parte do contexto da dominação masculina e determinam o que é considerado “normal” e em geral interpretado como “natural” para esse grupo. (MOLINIER, WELZER-LANG, 2009, p.101). A feminilidade³² existe e se define em relação à masculinidade e as duas são impostas e apreendidas pela socialização³³. Autores como Bourdieu e Simmel a entendem enquanto arte de se fazer pequena e delicada (SABINO, LUZ, 2006, p.260):

“As técnicas corporais femininas presentes nas sociedades complexas têm por efeito paradoxal **ambivalente** – através da demonstração de disciplina e contenção, da oferta e da negação da oferta, de suposta dissimulação – concretizar e reiterar a ordem de sedução e da beleza femininas, socialmente construídas, mostrando e demonstrando, mesmo que circunstancial e sorrateiramente os atrativos do corpo relacionados diretamente à sua sexualidade” (grifo meu)

Assim, as tatuagens de mulher demarcariam regiões corporais que são alvo da cobiça sexual masculina. Contudo, não quero ser heteronormativa: não estou dizendo que todas as mulheres querem “atrair olhares de homens” ou que todo homem e mulher sejam, necessariamente heterossexuais. Também não estou culpabilizando essas pessoas. O que pontuo é que noções de feminilidade são por si só heteronormativas³⁴. Tendo isso em mente, retomo a idéia de que:

A tatuagem torna-se um adorno para as qualidades físicas diretamente ligadas ao gênero e às hierarquias de poder e relações de força a ele inerentes (LE BRETON, 2004). Mesmo aquelas figuras unissex, que poderiam dar a impressão de mudança de condição disfarçada pela mudança de posição, são inscritas nas regiões específicas do corpo nas quais ficam demarcadas as peculiaridades do contrapoder feminino

³² Como retrato na introdução, utilizo a noção de uma única feminilidade como abstração .

³³ Para pensar o conceito de “socialização” ver Hirata, 2009. Gostaria de destacar que o processo de interiorização dos papéis sociais de gênero não se dá sem conflitos.

³⁴ Assim como cissexistas e misóginas.

radicado na dependência da dominação masculina. O desenho aí surge como adorno das qualidades sensuais e sedutoras da mulher – mesmo quando suposto sinal de “liberação” – sugerindo que o uso do corpo e da estética feminina continua subordinado e radicado no ponto de vista masculino, já que tais qualidades sensuais o são justamente por reiterarem a condição subordinada daquela que as apresenta: o corpo feminino, ao mesmo tempo oferecido e recusado [nos jogos de sedução] manifesta a disponibilidade simbólica que [...] convém à mulher, e que combina um poder de atracado e de sedução [...] adequado a honrar os homens de quem ela depende ou aos quais está ligada, com um dever de recusa seletiva que acrescenta ao efeito de “consumo ostentatório” o preço da exclusividade (BOURDIEU, 1999, p. 40-1). (SABINO, LUZ, 2006, p.258).

Quando a tatuagem alude a ideais e ideias sobre feminilidade – sobre a concepção, o que seria – ela articula um processo que permite à pessoa com tatuagem se fazer, perceber-se e (re) afirmar-se enquanto parte do “grupo mulher”, como pode ser visto nos discursos das entrevistadas. Essa classificação dialoga diretamente com as divisões de gênero e “com suas relações de poder inscritas no corpo” (SABINO, LUZ, 2006, p.259). Porém, cabe dizer que a feminilidade não se resume ao estatuto de submissão e abnegação. Existem outras “habilidades discretas qualificadas como femininas (sorriso, paciência) [além da destreza, minúcia, empatia, etc.] implicam, na verdade, uma soma de experiências, habilidades, astúcia e cooperação” (MOLINIER, WELZER-LANG, 2009, p.104, grifo meu).

3.4 Práticas de embelezamento

“O melhoramento de si mesmo é uma espécie de higiene pessoal levada ao cubo. Partindo do princípio de que, por uma questão de saúde básica, você precisa cuidar de seus dentes, indo regularmente ao dentista, também precisará cuidar de sua pele, dos cabelos, unhas (...) é fazer o máximo” - Constanza Pascolato

Para pensar o que é o embelezamento do corpo, oriento-me pelo livro “Historia da Beleza no Brasil”, da historiadora Denise Bernuzzi de Sant’anna. O livro é uma sistematização dos artifícios – ou técnicas – utilizados pelos brasileiros e brasileiras para se tornarem mais belos “segundo critérios pessoais determinados por diferentes realidades temporais, geográficas e sociais” (SANT’ANNA, 2014, p.8). Outro aspecto abordado é o das “transformações ligadas aos padrões estéticos e aos cuidados com o corpo, mas também do martírio causado pela feiura e da tumultuada luta para driblar o envelhecimento, a solidão e o fracasso” (Ibid, p.9). A autora articula de forma concisa a relação entre a promoção de ideais de embelezamento e uma mega indústria da beleza, que engloba indústrias alimentícia, cosmética, “de saúde”, fitness, mídia e inclusive a medicina. E, ainda:

A história do embelezamento habita zonas do imaginário ligadas à milenar vontade de se livrar de doenças e escapar da morte. Trata-se, portanto, de um tema revelador das maneiras de lidar com coisas consideradas tão supérfluas quanto essenciais, tanto belas quanto feias. (Ibid, p.16).

No século XXI, a beleza e seu cuidado são encaradas como resultado de adoção de técnicas (o que envolve trabalho sobre si mesmo) e isso significa que o indivíduo é completamente responsável sobre sua aparência. Vivemos em um contexto que leva em consideração a autodeterminação do indivíduo por ele mesmo; como apontei anteriormente, essa noção é advinda do liberalismo. Sabemos, no entanto, que a vida é regida por estruturas que não são alcançáveis pelos indivíduos e nossa existência é circunscrita de parâmetros palpáveis que se dão de acordo com diferenças – e, portanto, relações de poder – de gênero, classe e étnico-raciais. O embelezamento é entendido como conjunto de técnicas necessárias para se sentir – e ser

percebido enquanto – limpo, adequado e decente. Sant’anna aponta que:

Hoje, portanto, beleza implica a aquisição de supostas maravilhas em forma de cosméticos, mas também o consumo de medicamentos, a disciplina alimentar e a atividade física. Beleza é, igualmente, submissão a cirurgias, aquisição de prazer acompanhado por despesas significativas, de tempo e de dinheiro. (Ibid, p.15)

3.5 Práticas de embelezamento e a tatuagem feminina

Pensei bastante antes de resolver fazer (a tatuagem). Escolhi na parte de baixo das costas, mas acho lindo na barriga também. Só fiquei com medo de ficar feio quando eu engravidar, **ou engordar. Malho sempre, sou cuidadosa com meu corpo**, mas vai saber. Mas aí também a tatuagem deformada não ia ser o único problema, né? (Sofia, 24 anos, desempregada).

Sou mais uma das que fez tatuagem pra namorado³⁵. Terminamos e precisei cobrir, aí fiz essa pena aqui. Eu já tinha a fênix na cintura e costela e hoje vim fazer uma boneca inspirada em caveira mexicana na panturrilha. **Cuido muitíssimo bem do meu corpo, me alimento bem, malho todo dia, pinto a unha, faço o cabelo, tudo o que o figurino manda.** Esse ex-namorado aí, o término foi a melhor coisa que me aconteceu, dei uma repaginada. Já perdi 8kg malhando, e só de **gordura**. (Adrianna, 33 anos, vendedora)

Sofia e Adrianna falam de quanto e como cuidam de seus corpos. A adoção de tatuagens é entendida como uma técnica de embelezamento do corpo e faz parte de um conjunto de técnicas maior que envolve exercícios, dietas, uso de maquiagem, pintura do cabelo, entre outros. A “tatuagem feminina” é uma das marcas em um processo contínuo de busca por um ideal estético “que envolve a encenação pública e a encarnação de papéis inerentes à dinâmica social” (SABINO, LUZ, 2006, p.253).

³⁵ A pesquisadora Andréa Osório aborda esse tipo de tatuagem que ela identifica como “tatuagem de amor” no artigo homônimo publicado no livro “O corpo como capital – estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira”, organizado por Mirian Goldenberg, 2010.

Relaciono à essa questão o conceito de “corpo como capital” de Mirian Goldenberg (2010) que define o cuidado com o corpo³⁶ enquanto elemento de determinado estilo de vida em que a preocupação com a aparência é carregada de investimento pessoal, assim como aponta Sant’anna. É por isso que uma suposta democratização da beleza³⁷ não existe. Não é qualquer pessoa que pode ter o “corpo perfeito”. Ele é fruto de investimento, dinheiro, tempo e possibilidades sociais. Outra questão relativa aos padrões de beleza é como eles se relacionam com a dominação masculina e as desigualdades de gênero. Biroli (2014) explicita que:

O investimento de tempo e de recursos financeiros na aparência expõe a permanência de padrões desiguais de gênero. As expectativas sociais de que o investimento na auto-apresentação seja prioritário são dirigidas às mulheres, não aos homens (...) a ideologia da beleza colabora para convencer as mulheres de que elas têm pouco controle sobre a própria vida e poucas opções (...) Os mecanismos opressivos de beleza parecem atravessar as divisões de classe e de raça, ainda que o investimento de tempo e de dinheiro entre mulheres brancas e negras, ricas e pobres. (p.118).

As tatuagens podem representar de uma forma mais explícita essa relação com as práticas de embelezamento do corpo:

Fiz esse lacinho no tornozelo porque queria me enfeitar. Sou muito atenta a esses detalhes. (Julia, 23 anos, estudante)

Esse batom que fiz hoje foi pra homenagear minha mãe. Ela quem me ensinou a ser tipo uma princesa. Trato muito bem do meu corpo e estou sempre pensando em como deixar ele mais bonito. (Luana, 28 anos, atriz)

Julia e Luana falam sobre “enfeitar” e “deixar o corpo mais bonito”. Elas nos ajudam a traçar de que forma as tatuagens são entendidas pelas pessoas que as possuem. Considerando também

³⁶ Ver introdução.

³⁷ Idéia defendida por revistas de beleza, programas de televisão, “modelos fitness” das mídias sociais e até médicos .

as entrevistas previamente descritas, podemos pontuar algumas noções compartilhadas entre as entrevistadas: a) a tatuagem como forma de cuidar do corpo; b) o que é tido como “delicado” é aceitável e permitido, em contraponto ao que é “agressivo”, que não é aceitável, logo não é permitido; c) a tatuagem deve “casar” com os contornos do corpo; d) existem locais preferidos para o uso da tatuagem; e) existe um número de requisitos que uma mulher deve preencher para ser considerada bonita (não ser gorda, ser elegante, ser cuidadosa, ser poderosa, entre outros).



Paula e o laço

4. Conclusão

As questões propostas ao longo do texto não são entendidas como concluídas e sim como o início de reflexões sobre os temas aos quais pretendo dar continuidade se possível. Existem diversos apontamentos que surgiram nas entrevistas que não trabalhei no presente trabalho. Perguntas frequentes que me fazem em relação ao assunto é sobre a estigmatização das pessoas com tatuagens nas sociedades contemporâneas. Acredito que a adoção de tatuagens não é necessariamente uma decisão condenada, desde que: 1) sejam respeitados os papéis de gênero socialmente determinados – “tatuagem de mulher” e tatuagem (de homens); 2) uma estética considerada marginal não seja empregada. Como aponta Leitão (2004):

“As mulheres que entrevistei não faziam uso da tatuagem como emblema de desvio. A prática não era por elas procurada como possibilidade de transgressão a normas ou padrões estéticos. Em suas falas, ao contrário, tentavam desvincular suas tatuagens de qualquer representação sobre desvio.

É claro que essa suposta ressemantização da tatuagem não é um processo linear e simples, sendo permeada por tensões e contradições. Um exemplo disso é a forte marcação e separação que as entrevistadas faziam entre a imagem delas e de suas tatuagens e a de outras tatuagens e outros tatuados. O desvio era sempre percebido como existente, mas sempre entrava na categoria do “esse não é o meu caso”, sendo sempre localizado no outro”. (p.6)

Mabel T. Luz e Cesár Sabino falam de uma “desmarginalização” da tatuagem, mas penso que o “marginal”, o que é estigmatizado continua a existir, inclusive entre as pessoas que possuem tatuagem e as que exercer a função de tatuadores: o marginal está no “outro”, a tatuagem de cadeia, mal feita, de “piranha”, de “preto”, de “pobre; a “minha” é “bonita”, “delicada”, “bem feita”, “tem motivo, “é limpa”, entre outros. Ainda assim, entendo que é importante atentar para o fato o de que:

as classes superiores *legitimam* a tatuagem. Ela decora o corpo de indivíduos de idades variadas e demonstram a existência de um processo de circularidade cultural no qual o poder de um item estigmatizado se torna emblema de status e domínio, invertendo o jogo social pela disputa de hegemonia simbólica das classes. (SABINO, LUZ, 2006, p.253).

Existem categorias de tatuagem que não abordei como “de cadeia”, “de preso”, “de puta” (ou “piriguete”³⁸), “de pobre” e outras que, assim como a “tatuagem de mulher -ou feminina”, fazem parte de um referencial compartilhado por pessoas que possuem, pensam e/ou trabalham com tatuagens. Deixei indicado em diversas passagens que existem demarcações de classe e étnico-raciais nessa gramática, mas escolhi focar nas que destacam as relações de gênero³⁹. Assim como não elaborei um resgate histórico da tatuagem no Brasil ou no mundo⁴⁰, nem falei sobre dor. A dor é um aspecto que costuma estar presente quando se fala em tatuagens e isso ficou demarcado no trabalho de campo. Frases como “mulher pra ser bonita tem que sofrer” ou “tatuagem pequena é bom porque, além de ser delicada não dói tanto” foram repetidas por muitas das entrevistadas, mas preferi não trabalhar com isso, ainda que a relação entre tatuagem, feminilidade e embelezamento estivessem marcadas.

³⁸ E a versão em inglês: *trampstamp*, ou marca de vagabunda, em tradução livre.

³⁹ Me interessa pensar sobre essas outras marcações no futuro.

⁴⁰ Para isso, ver: KRISCHKE LEITÃO, Débora. A Flor da Pele: um estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

Referências Bibliográficas

ALVES, Fabio L. *Pós mulher: corpo, gênero e sedução*. Curitiba: Editora Champagnat, 2014.

APFELBAUM, Erika. Dominação. In: HIRATA, Helena et al (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ATKINSON, Michael. *Pretty in Ink: Conformity, Resistance and Negotiation in Woman's Tattooing*. Sex Roles, v.47, N°s 5/6, 2002.

BIONDI, Karina. *Junto e Misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Editora Terceiro nome, 2010.

BIROLI, Flávia. *Autonomia, opressão e identidades: a ressignificação da experiência na teoria política feminista*. v. 21 n° 1. Florianópolis: Estudos Feministas, 2013. p.81-105.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.

CHABAUD- RYCHTER, Danielle et al (Orgs.). *O gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2014.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena et al (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FERREIRA PIRES, Beatriz. *O Corpo como Suporte da Arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

FREITAS, Eliane. [Sem Título]. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93131997000100015&script=sci_arttext. Acesso em: 18 jul. 2015.

FRIEDAN, Betty. *A Mística Feminina*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1971.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. São Paulo: Estação das Letras, 2010.

GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HIRATA, Helena et al (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HIRATA, Helena. *Divisão - Relações Sociais do Sexo e do Trabalho: contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho*. In: Em Aberto, ano 15, n. 65. Brasília: 1995. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/979/883>. Acesso em: 15 jul. 2015.

KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

KRISCHKE LEITÃO, Débora. *A Flor da Pele: um estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

KRISCHKE LEITÃO, Débora. *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea*. In: Cadernos IHU Idéias, ano 2, nº 16, Porto Alegre: 2004.

_____. *O Corpo Ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

_____. *Mudanças de Significado da Tatuagem Contemporânea*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MATHIEU, Nicole-Claude. Sexo e Gênero. In: HIRATA, Helena et al (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MAUSS, Marcel. As Técnicas do Corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MIGUEL, Luis Felipe. Feminismo e Política: uma introdução. In: MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flavia. *Feminismo e Política*. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MOLINIER, Pascale, WELZER- LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, Helena et al (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever*. Editora Unesp, São Paulo: 2006.

OSÓRIO, Andréa. Tatuagem de Amor. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. São Paulo: Estação das Letras, 2010.

PASCOLATO, Constanza. A Civilização das formas de valor. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

QUINTELA, Débora Françolin. *As práticas de beleza femininas e a construção da subordinação*. Monografia Apresentada ao Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, 2014.

RAMOS, Jair de Souza. Dilemas da masculinidade em comunidades de leitores da revista Men's Health. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad*. ISSN 1984-6487, n.7, 2011, p. 9-43.

RIBEIRO, Liliane Brum. *Cirurgia Plástica estética em corpos femininos: a medicalização da diferença*. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/vram2003/a13-lbribeiro.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2015.

SABINO, César; LUZ, Madel T. Tatuagem, gênero e lógica da diferença. In: *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: v.16. n.2, 2006, p.251- 272.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Historia da Beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SHILLING, C. In: ATKINSON, Michael. *Pretty in Ink: Conformity, Resistance and Negotiation in Woman's Tattooing*. Sex Roles, v.47, N°s 5/6, 2002.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Ser mas não ser, eis a questão: o problema persistente do essencialismo estratégico*. Lisboa: CRIA1, 2009.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

YOUNG, Iris Marion. *Gender as Seriality: Thinking about Woman as a Social Collective*. *Signs*, v.19.n.3, 1994.